



## A CRISE DAS CIÊNCIAS E O PARADIGMA DA TRADUÇÃO: APROXIMAÇÕES ÉTICO- EPISTEMOLÓGICOS ENTRE HUSSERL E RICOEUR

*Rogério Sousa Sodré<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo pretende expor de forma analítica, como a relação entre Husserl e Ricoeur acerca do cuidado com o Outro se estabelece na teoria ética da tradução. De maneira que, a responsabilidade e a crise existente na cultura e nas ciências, perpassam pela perspectiva da ideia de referencialidade. Assim, sob a égide deste minucioso caminho, a tradução ao qual Ricoeur trata em sua obra *O Justo II*, se mostra muito proeminente, já que cada indivíduo é um estrangeiro a mim; também sob este aspecto, Husserl, sobre noção de crise, mostra que este desdobramento ocasionado pela crise nas ciências não se restringe à naturalidades, mas também às ciências do espírito e àquilo que se refere aos valores como virtudes, justiça e responsabilidade.

**Palavras-Chave:** Fenomenologia; Husserl; Ricoeur; Tradução.

**ABSTRACT:** This article intends to expose, in an analytical way, how the relationship between Husserl and Ricoeur regarding care for the Other is established in the ethical theory of translation. So, the responsibility and the existing crisis in culture and science permeate the perspective of the idea of referentiality. Thus, under the aegis of this meticulous path, the translation to which Ricoeur deals in his work *The Just II*, proves to be very prominent, since each individual is a foreigner to me; also under this aspect, Husserl, on the notion of crisis, shows that this unfolding caused by the crisis in the sciences is not restricted to naturalities, but also to the sciences of the spirit and to what refers to values such as virtues, justice and responsibility.

**Key-words:** Phenomenology; Husserl; Ricoeur; Translation.

### INTRODUÇÃO

Na ideia estabelecida pela tradição positivista encontramos perspectivas impares que se organizam em sua sistematização delimitativa para criar seus próprios paradigmas e incontingências linguísticas, aos quais, toda a ciência e a filosofia estão imbrincadas. Tem-se assim, não somente uma corrente fechada, por assim dizer, como também uma visão muito limítrofe do percurso em que se propõem investigar o mundo.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: rogeriosodre7475@gmail.com





Não obstante, como proposta de investigação e prognóstico acerca da realidade, o positivismo trouxe benéficos mas também logrou males significativos para a sociedade e inclusive no âmbito das ciências, seja, elas as naturalidades e acima de tudo as humanidades (Espírito). Esta perspectiva não subsume todo o arcabouço teórico, mas demonstra de que forma o ideal positivista logrou junto da tradição filosófica ocidental, uma visão limitadora da realidade e do homem. Dessa forma, encontramos nesse bojo metodológico a compreensão de que a ciência positivista não trouxe de forma alguma respostas a questões essenciais da vida humana, causando assim, uma certa frustração.

A própria tradição, virtudes, moral e o cuidado com os demais, se tornou um objeto do método. Edmund Husserl (1859 - 1938), destaca-se em seu terceiro momento de pensamento filosófico, a examinar a crise existente nas ciências, e seus efeitos diretos na cultura, assim, para ele, a crise é na verdade uma crise da própria cultura; mas não obstante a esta visão, Paul Ricoeur (1913 - 2005), ao pensar sobre a condição humana, sob o aspecto de um exercício ético hermenêutico, que confabula com os aspectos da medicina, bioética, epistemologia e ciência. Estas características delineiam as formas centrais em seu pensamento, de maneira que, pensar o homem é meditar sobre sua esfera finita e sua condição.

Assim, o presente artigo, tende a fazer uma aproximação entre estes dois pensadores, sobremaneira em uma perspectiva ética do agir e do progresso científico, de forma que possamos compreender as nuances que surgem diante dos problemas éticos fundamentais, como a vida, a moral, a conduta em si e a responsabilidade. Afim de que, ao refletir sobre estas questões, possamos construir um diálogo entre ambos, no tocante às suas formas de perceber o mundo e suas configurações.

## **2 HUSSERL E A CRISE DAS CIÊNCIAS**

No processo de evolução e mudanças realizadas na sociedade em geral, percebe-se que o ideal de referencialidade sempre foi uma questão ao qual cada indivíduo se avalia diante de sua condição. A sociedade, o construto da comunidade em que nos inserimos, tudo isto é perceptivo diante da ideia de progresso desenfreado em que a humanidade se situa.



Assim, mesmo com todo o progresso e diante de tantas conquistas elencadas sob o processo histórico, situamos a ciência como a única resposta para as mazelas que afetam o intelecto de cada indivíduo. Somos perpetrados pela ideia de finitude, do sofrimento, do medo, da solidão; a cultura que se desenvolveu com este instrumento que é a técnica, se tornou acima de tudo nocivo.

Desse modo, com a perspectiva ao qual se situa a humanidade e a perda de referencialidade, estabelece-se a crise que se instaurou na modernidade científica, mediada pela falha da tarefa ao qual a ciência se propôs a resolver. Assim sendo, a cientificidade do método se tornou, por assim dizer, dubitável:

A crise de uma ciência não diz nada menos que o seguinte: a sua cientificidade genuína, todo o mundo como ela definiu a sua tarefa, e, para isso, formou a sua metodologia, se tornou questionável. Isto pode convir à filosofia, que se vê ameaçada em nosso presente de sucumbir ao ceticismo, ao irracionalismo e ao misticismo (HUSSER, 2012, p. 1).

Com isso, percebe-se que, o modo como quis e que definiu o mundo não fora suficiente, tornando-se questionável. Ao tentar responder os meandros do mundo da vida <sup>2</sup>(*Lebenswelt*), até mesmo a filosofia é colocada como um instrumento sem a devida consideração de seu processo em que se delineou por séculos, ou seja, a filosofia, ficou legada a ser apenas um método de comentar os problemas resolvidos e logrados pela ciência.

Desse modo, engendra-se não somente a atestação de uma crise no campo das ciências em geral, como também da própria filosofia e dos valores. Em Husserl, há de forma veemente uma crítica que perpassa sua filosofia, ao asseverar que as ciências são, grosso modo, dubitáveis e que devem ser colocadas a prova, de maneira que “[...] ao falar em termos de ‘crise’, Husserl parece supor que nem sempre as ciências não tiveram nada a dizer sobre a existência humana, e que cabia a elas, entre outras tarefas, oferecer uma base racional para o desenrolar significativo do existir” (SACRINI, 2018, p. 288).

Destarte, ao analisar o método relacionado às ciências, adjudicar é necessário, pois, esta crise tão problematiza por Husserl é uma crise enraizada na cultura, pois ao perder o sentido de referencialidade que outrora se tinha como figuras norteadoras, por exemplo: a

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Husserl, para descrever o mundo circundante ao homem e as possibilidades de compreendê-lo, seja em aspecto natural, epistêmico ou axiológico.



filosofia antiga com germe na Grécia, a perspectiva espiritualista e metódica da filosofia medieval e pôr fim a emancipação antropocêntrico-racional da modernidade, trouxeram sentido e verdadeiros significados a consciência humana de mundo.

Com isso, pensar a condição humana, suas especificidades diante do referencial de conduta demonstra que: “Se o homem se torna um problema ‘metafísico’, um problema especificamente filosófico, ele está em questão como ser racional; e, se a sua história está em questão, é porque se trata do ‘sentido’, da razão histórica” (HUSSERL, 2012, p. 6). Portanto, a investigação deste problemas elencados no processo histórico da vida do indivíduo pensante, denota que seu *modus operandi* é uma perspectiva que se projeta na história.

Assim, ao pensar esta constituição referencial histórica, o indivíduo é um ser de pensamento e de mensuração de seus atos e implicações existentes em suas decisões. “Enquanto homem, ele é o sujeito da autorreflexão, e, decerto, o sujeito de uma tomada de posição valorativa e prática relativamente a si próprio, ele é sujeito de uma ‘consciência’ [...]” (HUSSERL, 2014, p. 53). Contudo, essa tomada de consciência não foi suficiente para demonstrar de que forma se deixou levar pela crise que se instaurou na humanidade, uma crise do método científico e dos valores. Dessa forma, como saída desta peremptória crise, seria a filosofia, mas com uma nova proposta, com uma nova visão, sob o aspecto da fenomenologia. Ou seja, como ciência de rigor.

Não estamos aqui para dispensar todo o conhecimento científico como uma suspensão do juízo de forma dogmática, mas sim, colocá-los temporariamente sob o tribunal da dúvida, para posteriormente reavaliar suas nuances e soluções, a crise que Husserl tanto dialoga, não refere-se às ciências de forma singular e, ou particular, mas sim num contexto mais generalista. “O ‘mundo da vida’, conquanto seja determinado pelas suas características próprias, se revela também apto a prover a base para um saber de caráter universal” (ALMEIDA, 2015, p. 66). A razão perpassa todas as ciências em seu âmago, e estas impreterivelmente, precisam de um norte empírico, experienciável.

A fenomenologia de Husserl surge como uma ciência de rigor, um novo método, ao questionar a validade das ciências e da filosofia, seu projeto vê-se sob uma perspectiva de gênese de uma nova ciência. A que tenha este rigor fenomenológico. Nesse ínterim, até mesmo a tarefa do filósofo mudaria, de forma que “[...] mais do que se contentar em resolver



problemas conceituais específicos, os filósofos deveriam se dar conta de que os avanços da filosofia está em ação um ideal trans-histórico, capaz de conduzir ao desabrochar de uma nova humanidade” (SACRINI, 2018, p. 294). Assim, traz para o bojo teórico a responsabilidade com o ser, em todas as suas dimensões. Dessa forma, a epoché, como método, seria uma investigação juntamente com a redução fenomenológica uma análise mais acurado e severo dos princípios que regem a humanidade.

*A epoché, como um requisito fundamental explicitamente metódico, só poderia, naturalmente, ser um assunto de uma reflexão subsequente de quem já, uma certa ingenuidade, e a partir de uma situação histórico, está, por assim dizer, envolvido na epoché, e já se apropriou de uma parte, deste novo “mundo interior”, de certo modo de um campo próximo a ele, com um horizonte longínquo obscuramente delineado (HUSSERL, 2014, p 197).*

Portanto, uma reflexão desse mundo interior que é o eu mesmo, dessa maneira, a crise que e instaurou na égide da modernidade é acima de tudo uma crise de sentido e significado. Com isso, a cultura está inserida numa perspectiva de auto avaliadora e, nesse processo, uma criadora de referencialidade e mudanças às quais a realidade está sujeita. Em Husserl (2014, p. 25), assevera que: “[...] por cultura não entendemos outra coisa senão o conjunto das realizações que se efetivam nas atividades consecutivas do homem comunalizado, que tem uma existência espiritual permanente na unidade da consciência comunalizada e da sua tradição persistente”. A *epoché*, seria assim, a elucidação destes padrões colocados em suspensão da realidade.

Desse modo, o conhecimento, o entendimento e por assim dizer, as formas de saber, estão condicionadas a nossas concepções de mundo, de técnica e de transformações que não se dão paulatinamente. A fenomenologia, com ciência de rigor, como forma de entender e ressignificar o mundo, transcende todo e qualquer método científico e filosófico, entretanto, há de convir que essa via, ainda é tortuosa e necessita de muitas investidas que consigam decifrar, grosso modo, sua ótica de munda, seja ele hermenêutico ou descritivo, assim se delinea a tarefa do fenomenólogo, uma tarefa não somente descritiva, mas sim, perscrutar a esfera do entendimento e da própria ética, a práxis humana e suas implicações.

Destarte, uma renovação da humanidade é pertinente com esta via fenomenológica, pois constituir-se-á uma perspectiva de motricidade e transformação renovada da sociedade



e de seus valores. Reconhecimento do outro como participe da vida, da responsabilidade com o planeta e dos construtos sociais, as relações e o que se torna necessário para modificar a realidade, saindo de um egocentrismo exacerbado, para lograr a totalidade de uma método que renova o novo homem, e a nova visão de mundo.

Cabe aqui delinear esta humanidade guiada pela racionalidade, mas que não recaia no erro e, sim, na configuração de uma visão científica que não se limita ao demonstrar e sistematizar a realidade, com veemência e sentido próprio, desse modo “[...] o surgimento da orientação científica está ligada à tarefa de desvelamento irrelativo do mundo, a qual aponta para a superação das visões de mundo das tradições mítico-práticas” (SACRINI, 2018, p. 305).

O mundo da vida, a relação do saber com a vida prática, tudo isso endereça-se para o construto em que a sociedade se efetiva e nesse interim, as formas pelas quais a responsabilidade do cuidado de si em consonância ao conhecimento de si em detrimento da valorização e do preocupar-se com o outro, esse é o norte referência para sair de uma crise não somente científica, mas acima de tudo, cultural. A humanidade precisa desta referencialidade, desta pausa para refletir e construir meios pelos quais encontre saídas para a crise das ciências diante de todo este aparato tecnológico e do ideal de progresso, a humanidade se encontra em uma nova história, em um novo desvelamento, ou seja, o do seu potencial último e reflexivo da realidade em que vive e molda segundo às suas vontades, e nisso, está também a ética, os valores e a própria vida redescritiva do homem.

### 3 RICOEUR E O PROBLEMA DA TRADUÇÃO

Em nosso segundo momento, analisaremos o problema ao qual Paul Ricoeur discute em uma parte de seu livro *O Justo II*, esse texto em questão fora proferido em uma aula inaugural da Faculdade de Teologia Protestante de Paris, em outubro de 1998. Em que trouxe para discussão a perspectiva da possibilidade da tradução, sendo este um paradigma que persegue cada tradutor e leitor seja filosófico ou de qualquer perspectiva afim.

O que traremos aqui, não se limita a uma perspectiva puramente linguístico, mas sim, uma visão que perpassa por âmbitos puramente humanos em sua condição e sob a ótica da bioética. O cuidado e a hospitalidade da linguagem, fazem com que ao analisar esse



paradigma, percebamos um horizonte mais amplo e sagaz acerca do cuidado e responsabilidade com os outros.

Em Ricoeur, a noção de compreender é traduzir, perpassa pelo âmbito do contato com outra cultura que não seja a nossa, adentrar em outra cultura, significa mergulhar em grandes possibilidades de uma outra realidade atípica a qual estamos acostumados. Traduzir é assim, alargar e plainar a via para entender não somente as ideias, como também, o próprio indivíduo. Como cada povo, cada cultura tem seus códigos e signos, esta tarefa da tradução se torna complexa e cansativa.

Entender a linguagem de cada comunidade como modo para compreender e perceber suas nuances na forma de se comunicarem, faz com que aja um intercâmbio que é possibilitado pelo poder dessa integração. A comunicação existente perpassa por esta integração de possibilidade de compreensão, num plano maior em que engloba a geografia e os modos de linguagem, assim;

[...]enquanto o intercâmbio dentro de uma mesma comunidade é possibilitado pelo poder de integração de cada língua tomada separadamente, o intercâmbio com a exterioridade da comunidade linguística é, em última análise, impraticável em virtude daquilo que Steiner chama de “prodigalidade nefasta” (RICOEUR, 2008, p. 120).

O que fora exposto acima, denota de forma veemente como a diversidade das línguas são perceptíveis e sob o aspecto da evolução ou de que uma é superior a outra, não se sustenta, pois esta visão mais metódica darwinista não perfaz o perfil e o critério que forma a peculiaridade que condensa cada língua. Estas nuances são características delas, desse modo, cabe assim, perceber que estas posições evolutivas da língua ao qual não acolhe e expande seu horizonte, são nocivas até mesmo para a compreensão do ser humano e de sua condição finita na realidade.

Este é por assim dizer, o cerne da reflexão ao qual Ricoeur propôs ao discutir a diversidade das línguas e suas perspectivas diante do mundo humano. Esta dispersão existente entre povos e culturas, não é nada se ambos os agentes destes grupos são de fato pessoas, pois podem, mesmo não sendo de determinada cultura ou tradição, entender e conseguir se comunicar utilizando elementos basilares. “A tradução é, pois, uma tarefa, não no sentido de uma obrigação imposta, mas no sentido da coisa a fazer para que a ação humana possa simplesmente continuar[...]” (PAULA, 2007, p. 104-105). O mesmo é percebido na análise de Revista Paranaense de Filosofia, v. 1, n. 2, p. 181-194, Jul./Dez., 2021.



Ricoeur, mas que se distancia, de maneira singular de qualquer aspecto epistêmico, para dar espaço a via do sujeito, ou seja, aquele que percebe e de alguma forma, entende seu mundo.

Este mundo que o circunda, faz com que sua percepção o convide para estar junto com o outro que também faz parte de sua constituição. O Outro, é para qualquer indivíduo um estranho, um apátrida, um que não há redescrições para defini-lo, mas interpretá-lo. O Outro está nesta dimensão da tradução, seja em âmbito médico, como também no âmbito social. Portanto, há necessidade e uma tarefa árdua para traduzi-lo. Somos convidados a liberdade, à questões últimas e situações multifacetadas, mas entender um que faz parte de nós, de nossa realidade e condição, denota que a nossa própria história, não define pelo ideal desenfreado de progresso, mas acima de tudo, o cuidado como que lhe falta alguém para o traduzir, para o compreender e interpretar. Fazer parte do outro é mostrar a via árdua dos meandros da condição humana.

Esta perspectiva, não se distancia do viés qual se situa a investigação dos aspectos que correlacionam tanto o indivíduo como também o outro em sua singularidade e percepção. Há uma heterogeneidade das línguas, em sua amplitude e vastidão que compreende à originalidade e os traços singulares de cada uma. Desse modo, “[...] Ricoeur observa a necessidade do trabalho de luto, ou seja, é preciso que o tradutor renuncie ao ideal da tradução perfeita” (PAULA, 2007, p 103). Deixar suas preferências e preconceitos para poder adentrar num mundo que é atípico ao seu, no nosso caso em específico, ao outro que é estranho a mim.

Portanto, há de se acreditar que mesmo sendo deveras difícil a tradução, seja no âmbito textual, como também no aspecto ético da diferença, há de presumir que é possível a tradução e que sua existência se perfaz na compreensão e possibilidade de adentrar no mundo do outro, em suas nuances e misérias. Com isso, “[...] se a tradução existe, ela só pode ser possível. E, se é possível, é porque, por trás da diversidade das línguas, existe estruturas ocultas que ou trazem em si os vestígios de uma língua originária perdida que é preciso reencontrar[...]” (RICOEUR, 2008, p. 123).

Assim sendo, como pano de fundo da diversidade das línguas, existem estruturas que não são compreensíveis e, grosso modo, diante dessa genealogia linguística temos a perspectiva do cuidado com o outro, no que se refere a provação e exame deste viés de





percepção das estruturas do Outro, neste sentido, o processo de tradução caracteriza-se pela consciência de pertença no que se refere ao dar suporte e entender por meio de uma leitura pessoal, o construto de cada indivíduo; destarte:

[...]Ricoeur acredita que os desafios da tradução podem se resumir ao termo 'prova', no duplo sentido de 'provação' e 'exame'. Defende que, ao assumir um texto, o tradutor torna-se mediador entre o leitor destinatário da obra traduzida e tudo que envolve o estrangeiro[...] (GUERINI, 2014, p. 344).

Essa mediação ocorre entre pessoas no âmbito social, pois cada indivíduo em sua cópula comunitária entende e perfaz suas decisões mediante leis e tradições que lhe são próprias e, inclusive, as que regem a sociedade. Desse modo, ocorre o alargamento e aproximação das nuances em que está inserido o sujeito e os caracteres que foram-lhe dadas.

Mediar, significa fazer ponte, aproximação, criar vínculo e adjudicar os meios aos quais se torna imperativo a demanda do cuidado e da responsabilidade com o outro, este cuidado está na compreensão da condição, da extensão do corpo em relação ao mundo, da perspectiva que cada um, mesmo em sua estrangeirice é único e necessita de assistência. Um exame ao qual “[...] é preciso admitir que existe na diversidade das línguas, portanto, tradições e culturas; a situação encontra-se no mesmo modo, dispersão e confusão” (RICOEUR, 2008).

#### **4 HUSSERL E RICOEUR:TRADUTORES DO LEBENSWELT**

Após termos analisado e percebido como ambos autores entendem o indivíduo, a crise que se estabelece na cultura e principalmente a tradução sob a ótica do Outro, trilharemos em nosso terceiro momento a perspectiva de aproximação entre os autores na medida em que a realidade em que vivemos, mundo da vida (*Lebenswelt*), caracteriza-se por nossas decisões e metas traçadas para definir em que meio estamos sujeitos de forma ativa e passiva. O que interessa aqui, não é a perspectiva de uma teoria epistemológica acerca da crise neste mundo da vida, mas as nuances existentes em traduzir este mundo sob a ótica do outro que não muito distante, é extensão do mundo a mim.



Assim, no âmbito que se refere a ética e a perspectiva da tradução nota-se em “Husserl a experiência concreta do outro sempre é, segundo ele, uma perspectiva pautada e voltada o Outro no que compete à sua figura corporal; esta razão encontra-se sob o baluarte ao qual a intersubjetividade se torna compreensível na relação entre sujeitos corporais, ou seja, sob ótica da presença e do toque, como diria Ricoeur” (ZAHAVI, 2015).

Portanto, na questão sobre a crise sob a ótica da tradução, percebe-se que em ambos os autores a preocupação está voltada para o indivíduo e, conseqüentemente, ao mundo que o circunda. A meta, centra-se sob o olhar da condição e do cuidado, daquilo que Ricoeur chama de *Hospitalidade da Linguagem* e em Husserl a *Corporalidade e Espiritualidade Humana*.

A noção de instrumentalização não abrange a dimensão multifacetada da linguagem, pois, todos absorvemos experiências, comunicamos e trazemos para nossa realidade circundante um horizonte de possibilidades que contenham perspectivas únicas, ou seja, a de constituir uma função linguística quem tenha intenções, ideias e que transpõem também sentimentos. “A linguagem é, portanto, um sistema de signos destinados à comunicação. Ela comporta estrutura essencialmente intencional. Com efeito, a linguagem quer significar intenções, ideias, sentimentos, coisas etc” (MONDIN, 2015, p. 141).

Desse modo, percebe-se que o encontro entre tradução e crise está sim pautada no indivíduo e como consequência, em sua cultura. Não uma crise somente de conceitos e conjecturas científicas, mas a algo que diz respeito ao próprio homem sob sua noção de finitude e falha.

Interesse teórico vai exclusivamente para os homens enquanto pessoas e para a sua vida e realizações pessoais, bem como, correlativamente, para as figuras dessas realizações. Vida pessoal significa viver num horizonte comunitário, enquanto eu e nós comunalizado (HUSSERL, 2008, p 12).

Como assevera Husserl, a vida na perspectiva pessoal significa perpassar neste horizonte comunitário, jamais em uma dimensão solipsista, mas em convivência. Somos assim, comunalizados precisamos e necessitamos deste Outro que é diferente de mim, para compreender a minha própria condição. O convite nesse aspecto é a própria realização, mas que necessita deste contato e dessa hospitalidade.



O Mundo da Vida, está para o homem assim como sua história e ser próprio. Não se distancia, mas alarga o leque de possibilidades que entrelaçam as relações e a noção de bem. Desse modo, “[...] a palavra vida não tem aqui um sentido fisiológico, ela significa vida activa em vista de fins, realizadora de formações espirituais[...]” (HUSSERL, 2008, p. 12). Ao seja, a valorização e responsabilidade como o outro, ao tencionar seu <sup>3</sup>*telos*, àquilo que será percebido e inferido concernente a vida ativa que se segue na realidade dos fins.

Dessa maneira, confabula Ricoeur na medida que traz para a discussão a “[...] Hospitalidade da Linguagem, ou seja, o prazer de receber em si, em sua própria casa de acolhimento, a palavra do estrangeiro” (PAULA, 2007, 106). O aspecto da presença amiga, de respeito e valoração, isto caracteriza o indivíduo comunalizado, aquele que atende e compreende os limites do Outro. Assim, não escapa a percepção a noção de historicidade que cada sujeito carrega, suas implicações e com certeza, as frustrações que não percebemos de imediato numa primeira leitura.

O aspecto da hospitalidade muitas vezes negado, no sentido de recepção e compreensão do outro funda-se como pano de fundo, o medo e da falta de acolhimento ocasionando muitas vezes em um trabalho demasiadamente cansativo. Ricoeur (2008, p. 129), assevera que: “Trabalho de tradução, conquistado contra resistências íntimas motivadas pelo medo e até pelo ódio ao estrangeiro, percebido como uma ameaça feita à nossa própria identidade linguística”. Estas posturas, são negações da dignidade do Outro como um mundo diferente do meu, de sua história e de sua vida pessoal, que remete à comunidade e a sua percepção de mundo. Negar estes aspectos é negar a própria humanidade.

Portanto, há dessa forma, algo de diferente, de estrangeiro no Outro, que caracteriza sua visão de mundo e condição. O Outro, como dito antes, é esta extensão do mundo para comigo e, que tenho como dever, tentar por todos os meandros possíveis, traduzi-lo. Não obstante a isso, “[...] é em grupo que definimos, reformulamos, explicamos, procuramos dizer a mesma coisa de outro modo” (RICOEUR, 2008, p. 131). É em grupo que sobrevivemos e damos sentido e significado as coisas que nos cercam, não somente conceitualmente, mas como uma própria redescrição da realidade.

---

<sup>3</sup> Palavra de origem grega, *τέλος*, que fim ou finalidade. Termo muito utilizado por Aristóteles em sua teoria ética. Revista Paranaense de Filosofia, v. 1, n. 2, p. 181-194, Jul./Dez., 2021.



Destarte, tanto para Husserl que dialoga acerca da crise das ciências como um conflito enraizado na cultura, e não muito distante Ricoeur sob o aspecto da tradução, buscam, esta redescrição própria do indivíduo corpóreo, que em comunidade se realiza e entende seu mundo. É dessa forma que a aproximação entre estes dois pensadores se dá, ou seja, que há impreterivelmente algo de estrangeiro naquele que é diferente de mim, portanto, um mundo a ser descoberto.

A espiritualidade humana está, decerto, fundada na *physis* humana, toda e qualquer vida anímica humana individual está fundada na corporalidade e, por conseguinte, também toda e qualquer comunidade está fundada nos corpos dos indivíduos humanos que são membros dessa comunidade (HUSSERL, 2008, p. 13).

Estabelecida no mundo físico humano, esta *physis* está com fundamento na corporeidade, no estar junto, no convívio, e nesse sentido, fazemos parte da grande massa que em comunidade, defende a dignidade e o estrangeirismo do outro que não precisa ser uma pessoa de outro país, mas sim, alguém que pode estar em nosso convívio social mais próximo. Todos somos membros dessa comunidade, cabe a nós, encontrar os meios para entender o Outro em sua complexidade e possibilidade histórica.

Ricoeur e Husserl, não se distanciam do viés ético, pelo contrário, fundam assim, o diálogo entre o eu e o outro que não é limitado, mas que exerce sua força e vitalidade de forma ativa, e mesmo diante de tantos entraves e preconceitos, se iguala à comunidade, pois é homem, ser, Espírito e acima de tudo, vida que se projeta para o mundo e para a comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, dialogamos com Ricoeur e Husserl acerca da possibilidade da tradução sob o aspecto da ético da diferença, ou seja, sob o baluarte do cuidado e responsabilidade com o Outro, entendido aqui como um estrangeiro a mim, portanto, alguém que é diferente, que tem suas características e história.

Destarte, no tocante à hospitalidade em acolher o estrangeiro em minha tradução e percepção de mundo, abre-se dessa forma, o leque de possibilidades que alimenta a noção de relação entre indivíduos. O diálogo, a responsabilidade e o tratamento são vistos como valores



que situam quem acolhe em uma realidade que mesmo sendo estranho, é percebido, notado e entendido como extensão do mundo.

A perda de sentido da cultura, está correlacionado a crise dos valores, do conhecimento, e inclusive do indivíduo enquanto corpo, do sujeito como pessoa, como alguém, como um ser que necessita de assistência. A indiferença traz consigo, um mal, pois esquece-se do Outro como princípio de tradução, de leitura e compreensão dele e do mundo. Assim, esta perspectiva centra-se no solipsismo e a perda da proximidade, do toque e do convívio.

A falta de empatia, distancia o indivíduo do aspecto concreto da participação entre pessoas que vivem em comunidade, esta convivência seria portanto a chave para entender todos os aspectos da cultura e da noção de moral e tradição. Desse modo, uma crise instaurada no âmago da sociedade, no âmbito dos valores e do cuidado é fruto justamente da negação da referencialidade teórica e prática que ocorreu no desmonte da modernidade ao defender e frisar a razão e a ciência como a única fonte de conhecimento e de respostas para as mazelas da humanidade.

Husserl, trilha o viés histórico-descritivo sobre a crise da humanidade sob o viés da ciência como falha diante de outras perspectivas no aspecto social; já Ricoeur sobre a noção de tradução, em compreender e traduzir o outro. Ambos são tradutores, do mundo da vida, da condição humana, e das possibilidades de superação da crise nas ciências com um viés ético do cuidado e da redescrição que norteia o próprio indivíduo. A pessoa, é como diria Husserl, quem percebe o objeto, quem nota o mundo, aquele que adentra em todas as nuances que permeiam as características do outro e de si, tem em mãos um grande paradigma, um modelo, uma forma ao qual se discutirá a saída não somente de crises, mas também de novos vocabulários.

A filosofia está em campos novos, possibilidades novas, redescrções proeminentes e nisso, sua tarefa não pode ser relegado a uma mera comentadora dos fatos e realizações científicas; assim, a filosofia, seria a saída a partir do modo pelo qual sua reflexão traduziria todos os meandros em que situa a humanidade e suas realizações históricas. Portanto, a crise dos valores, do indivíduo e da história, são tratados por ambos pensadores como imperativo, pois sabe-se que a vida é pulsão e esta visão pulsativa refere-se a noção de subjetividade.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. M. “A CRISE DOS FUNDAMENTOS DAS CIÊNCIAS MODERNAS: uma leitura a partir de Edmund Husserl”. Paraná: Pensando. *Revista de filosofia*, vol 7, nº 14, p. 27-47, 2016.

GUERINI, A. “SOBRE A TRADUÇÃO”. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: nº 33, p. 341-365, jan/jun, 2014.

HUSSERL, Edmund. *A CRISE DA HUMANIDADE EUROPEIA E A FILOSOFIA*. Tradução. Pedro M. S. Alves. Covilha. 2008.

HUSSERL, E. *EUROPA: Crise e renovação*. Tradução. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HUSSERL, E. *A CRISE DAS CIÊNCIAS EUROPEIAS E A FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL: uma introdução à Filosofia Fenomenológica*. Tradução. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MONDIN, B. *O HOMEM, QUEM É ELE?: elementos de Antropologia Filosófica*. Tradução. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus. 2015.

PAULA, A. C. “PAUL RICOEUR E O PARADIGMA DA TRADUÇÃO”. Cerrados: *Rev. De pós-graduação em literatura*, nº 23, p. 101-109, 2007.

RICOEUR, P. *O JUSTO II*. Tradução. Ivone C. Benedetti. São Paulo. Martins Fontes. 2008.  
SACRINI, M. *A CIENTIFICIDADE NA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL*. São Paulo: Loyola. 2018.

ZAHAVI, D. *A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL*. Tradução. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

---

*Recebido: 29/09/2021*

*Aprovado: 15/10/2021*